



---

**TRINTA E CINCO ANOS DE UFMT E DEZ ANOS DE MEEL...  
UM TRIBUTO À LINGUÍSTICA...**

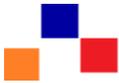
Maria Inês Pagliarini Cox (UFMT)

*Para Joana D'Arc de Paula Macedo e Mariluce Badre Teixeira, sempre vivas...*

**RESUMO:** O presente texto foi apresentado por ocasião da comemoração de dez anos de criação do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), na UFMT. Nele, a autora se dobra sobre o acontecimento da Linguística em sua vida pessoal, acadêmica e profissional, rememorando desde o primeiro encontro com a disciplina até sua participação na criação e efetivação do Programa.

**THIRTY-FIVE YEARS OF UFMT AND TEN YEARS OF MEEL...  
A TRIBUTE TO LINGUISTICS...**

**ABSTRACT:** The present text was presented at the commemoration of ten years of the Masters Program in Language Studies (MeEL) at UFMT. In it, the author reflects over the happening of Linguistics in her personal, academic and professional life, recollecting from the first encounter with the discipline to her participation in the creation and realization of the Program.



Não posso falar dos dez anos do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem sem relembrar o percurso que fiz até chegar aqui, sem voltar ao começo de tudo...

Não me esqueço. Era o ano de 1973. Acabara de ingressar no Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá. E, então, a Linguística entrava em minha vida, primeiro, pela voz doce da professora Maria Céli Beraldo Pazinie, depois, pela voz grave do professor Ênio José Toniolo. Foi amor à primeira vista. Desde então, a Linguística se tornou uma de minhas melhores companhias, decisiva na minha vida profissional, mas também na pessoal. Foi assim que a provei, foi assim que ela me aconteceu...

Eu vinha de uma família de gente da roça e, como tal, tinha por língua materna, o dialeto caipira. Isso me criou muitos problemas no período de alfabetização e também nos anos seguintes de grupo escolar, ginásio e escola normal. O que a escola avaliava como fala errada era a língua boa com que nos comunicávamos em casa e por meio da qual me identificava com a comunidade linguística em meio à qual vivia. Se, por um lado, as tantas correções sofridas na escola me causavam mal-estar e insegurança quando tinha de me desempenhar em português culto, por outro, produziam um desejo de des-identificação em relação à minha língua materna, provocando um racho nos laços culturais e linguísticos que me ligavam à minha família e comunidade social.

Essa história de desamor à fala caipira, cultivada nos onze anos de aulas de língua portuguesa, começou a mudar quando conheci a Linguística, que me fez desacreditar nos mandamentos da gramática normativa e seus rígidos princípios de correção, ensinando-me que todas as línguas em uso são igualmente gramaticais, embora possam ser avaliadas socialmente como melhores ou piores. Eu aprendi que, do ponto de vista estrutural, não havia nada de errado com o dialeto caipira e que se ele era subestimado em relação à norma culta, isso se devia ao lugar social ocupado pela gente da roça, iletrada, em relação ao lugar social ocupado pelas pessoas da cidade, letradas, enfim, às relações de poder desigual entre matutos e cidadãos.

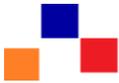


Os três anos de curso de Letras foram decisivos para eu perceber que gostaria de continuar estudando Linguística. Se existencialmente ela me fazia todo sentido, profissionalmente também haveria de fazer. No último ano da graduação, comecei a pensar na possibilidade de fazer um curso de mestrado na área. Mas onde? Em Maringá não havia curso de pós-graduação *stricto sensu* em nenhuma área. A UEM era uma universidade nova. Mesmo em termos de Brasil, os cursos de mestrado em Linguística não chegavam a dez na década de 1970. Ainda era um tempo em que as pessoas saiam do país para fazer pós-graduação *stricto sensu*. Meu orientador, por exemplo, havia se doutorado nos Estados Unidos. A decisão foi bastante influenciada pela professora Maria Céli, que havia acabado de concluir seu mestrado no Programa de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Quando ela falava do Programa, seus olhos brilhavam e isso me infundia o desejo de estar lá, de aprender tanto quanto ela aprendera.

Concluí a graduação no final de 1975 e, no dia da missa de formatura, eu voltava de Florianópolis onde tinha ido fazer o processo seletivo para ingresso no Mestrado de Linguística. Não fui sozinha, convenci uma amiga a também fazer a seleção. Eu e a Sonia Aparecida Lopes Benites, atualmente professora de linguística na UEM, voltamos da capital catarinense muito felizes com a aprovação, mas, ao mesmo tempo, apreensivas, pois era a primeira vez que iríamos ficar longe de casa.

No início de 1976, instalamo-nos em Florianópolis, no Bairro da Trindade, para iniciar o curso de mestrado. A adaptação não foi fácil, fraquejei e quase desisti. Mas meu orientador me chamou de volta.

Era tempo de Linguística da língua: estruturalismo e gerativismo. Esquartejava-se a língua em todos os seus níveis: fonologia, morfologia, sintaxe, léxico. Era saboroso descobrir como as unidades da língua se estruturavam! Tivemos também um rápido contato com a Semântica e algumas pinceladas de Sociolinguística e Psicolinguística. Uma professora que voltava da França trazia notícias da teoria da enunciação de Emile Benveniste. Tudo me empolgava. Foi difícil decidir qual seria meu objeto de estudo na



dissertação. Acabei me decidindo pelo estudo da morfologia verbal no português, numa abordagem morfo-fonológica, orientada pelo modelo gerativo-transformacional. Era um trabalho árido, que consistia em desestruturar as formas verbais para compreender como elas se comportavam desde a chamada “forma subjacente” até a “forma fonética de superfície”. Para mim, contudo, era tão divertido quanto montar um quebra-cabeça. Concluí o curso no início de 1978.

Então, começava minha carreira no magistério superior como professora de Linguística. No mestrado em Florianópolis, conheci duas professoras da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a Ana Antônia de Assis e a Antonina Coelho. Elas me disseram que o curso de Letras da UFMT estava precisando de professores, uma vez que muitos docentes haviam saído para a pós-graduação pelo programa PICD, recém-criado. Liguei para a coordenadora do Curso e ela me disse que eu poderia ser contratada, como horista, para trabalhar na UFMT.

No dia 01 de março de 1978, eu me tornava professora horista da UFMT. A cada seis meses, acabava um contrato e se iniciava outro. Foram três carteiras de trabalho. Em 1982 me tornei professora do quadro regular. No curso de Letras, lecionei praticamente todas as disciplinas de Linguística: Fonologia, Morfologia, Semântica, História da Linguística, exceto Sintaxe. A Fonologia foi minha companheira de todas as épocas. Quando comecei a lecionar, ainda vigiam a Linguística da língua e os paradigmas estruturalista e gerativista, mas já assomava no horizonte da academia a Linguística da enunciação e do discurso. Não demorou para as certezas adquiridas no universo da Linguística da língua começarem a oscilar.

Nas décadas de 1970 e 1980, os cursos da UFMT tinham um ano de Ciclo Básico, antes de iniciar o currículo específico de cada graduação. No Ciclo Básico, todos os alunos faziam Português, Metodologia da Pesquisa e Estudos dos Problemas Brasileiros, essa última uma imposição do Regime Militar. Alunos das Humanas faziam também Filosofia, Sociologia e Antropologia e os das Exatas, Matemática, Física, Química. Além das

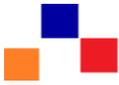


disciplinas de Linguística no curso de Letras, eu também lecionava Português para o Ciclo Básico, cujo currículo focalizava a leitura e a produção de textos.

Assim, foi pela via do Ciclo Básico que entrei em contato com a Linguística do Discurso. Um grupo de professores de Português, originário da Linguística, buscava parâmetros para embasar o trabalho de leitura e produção de textos. Incomodavam-se com a redução da leitura e produção de textos a um mero exercício de cobrança do domínio das normas gramaticais e convenções ortográficas. Mas a Linguística da língua não tinha muito a oferecer nesse caso, pois não ia além da sintaxe.

Na passagem da década de 1970 para 1980, tivemos notícias de que alguns professores, na UNICAMP, vinham trabalhando a questão da leitura e produção de textos com base na Análise de Discurso, Teoria da Enunciação e Linguística Textual. Entramos em contato com eles e conseguimos, por meio de um projeto, que nos dessem uma assessoria e também um curso de especialização orientado para a Linguística do Discurso. Vieram professores como Eni Orlandi, Eduardo Guimarães, Sírio Possenti, João Wanderley Geraldi, Alcir Pécora, Cláudia Lemos, Haqira Osakabe, Marisa Lajolo etc. Por meio deles ficamos conhecendo autores como Emile Benveniste, Michel Pêcheux, Michel Foucault, Dominique Maingueneau, M.A.K. Halliday, Ruqaiya Hasan, dentre outros autores, cuja leitura nos abria o desconhecido continente da Linguística do Discurso. Foi uma aproximação, a um só tempo, apaixonante e sofrida, pois era diferente de tudo que estávamos acostumados a chamar de Linguística. De repente a Linguística se fazia outra, não era mais uma ciência dura, objetiva, perseguindo o rigor de métodos científicos usados nas ciências exatas e naturais. A subjetividade entrava em cena não só como objeto de estudo, mas também como um viés de que o cientista da linguagem não podia/conseguia se despojar totalmente. Foi uma mudança e tanto no modo de fazer ciência...

Além da assessoria da UNICAMP, também entramos em contato com o grupo de professores da PUC, de SP, que atuava no Ciclo Básico daquela universidade. O grupo trabalhava a leitura e a produção de textos com base na



Semiótica e podia nos oferecer balizas para a leitura de textos não verbais ou multi-modais.

A interlocução com esses dois grupos nos animou a fazer uma proposta de prática de leitura e produção textual para o Ciclo Básico da UFMT. Chegamos a montar essa proposta que chamamos de “Linguagem como atividade dialógica: uma proposta de prática de leitura e produção de textos”, explorando as condições de produção do texto, a coerência e a coesão, a progressão, os estereótipos, a intertextualidade etc. Na época, os gêneros do discurso ainda não haviam entrado na moda, por isso ficaram de fora. Não conseguimos uma adesão plena de todos os professores que lecionavam Língua Portuguesa no Ciclo Básico. O grupo era bastante heterogêneo e nem todos se deixaram convencer de que deveríamos ir das práticas de leitura e produção de textos para a reflexão sobre a língua e não o inverso. Um número significativo de professores apostava que o ensino sobre a língua, com base na gramática normativa, era o único caminho possível. Dele, não arredavam o pé... Isso criou um mal-estar no grupo.

Mais ou menos na metade da década de 1980, começou o processo de implosão do Ciclo Básico, poucos cursos mantiveram disciplinas gerais, incluindo a Língua Portuguesa. Hoje, ele desapareceu completamente.

Em 1986, mudei-me para Campinas para ingressar num curso de Doutorado em Educação na UNICAMP. Por que Educação e não Linguística? No ano anterior eu havia feito seleção no Programa de Linguística e não tinha sido escolhida. Como era um tempo em que, sintonizados com os movimentos de abertura política, estávamos muitos ligados aos intelectuais da esquerda e aos educadores progressistas como Paulo Freire, Demerval Saviani, Carlos Rodrigues Brandão, dentre outros que estavam no *front* da luta pela redemocratização do país, senti-me motivada a concorrer a uma vaga no Programa de Doutorado em Educação. Fui aceita. Durante a fase dos créditos fiz cursos na Educação e também frequentei uma disciplina de Análise de Discurso na Linguística. Em minha tese, estudei como as concepções de sujeito da Análise de Discurso, da Teoria da Enunciação e de educadores



progressistas eram articuladas nas propostas de produção de texto que surgiram em inúmeras universidades brasileiras na década de 1980, incluindo a UFMT. Quer dizer, eu fazia uma dobra crítica sobre a nossa própria proposta. Se, no mestrado, eu havia experimentado o que é fazer ciência nos moldes de um paradigma científico ortodoxo, no doutorado, eu tinha de me despir da rigidez do método e aceitar que os saberes das ciências humanas sempre passam pelo filtro da subjetividade do pesquisador. A fronteira entre o sujeito e objeto se esgarçava. Quatro ensaios, quase independentes, constituíram minha tese de doutorado, nada que lembrasse a estrutura clássica – introdução, referencial teórico, método, resultados, discussão dos resultados e conclusão.

No início de 1990, retornei a Cuiabá e às atividades na UFMT. Como havia acabado de concluir um Doutorado em Educação, o Departamento de Letras supôs que eu era a pessoa indicada para trabalhar com o “Estágio Supervisionado”. Encarei a ‘missão’ com muita reserva. Eu trazia na bagagem as propostas curriculares do Estado de São Paulo, que já se adiantavam na defesa da ideia de que o ensino de Língua Portuguesa, na Educação Básica, devia ser realizado como prática de atividades linguísticas e não apenas como ensino gramatical. Esse princípio se tornaria a pedra de toque dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 1990. Esse foi o pior momento de minha vida profissional, pois a expectativa de que, doutorada em Educação, eu traria a palavra salvadora para solucionar a crise crônica do ensino de língua materna foi uma frustração. Nunca quis ocupar o posto de emissária de boas novas. Nunca me identifiquei com essa perspectiva iluminista. E mais, nunca esperei que uma disciplina de Estágio, isolada no final do curso, pudesse resolver os problemas do ensino de língua portuguesa, se o Curso de Letras inteiro não tivesse primado pela qualidade, pela excelência. Entenderam que eu não era a pessoa certa para o Estágio, felizmente.

No meu retorno e de outros doutores para Cuiabá, formou-se um burburinho no sentido de criarmos um Programa de Mestrado. Evidentemente

não havia um número de doutores suficiente para apresentarmos uma proposta independente. Mas, pensando num futuro mestrado, criamos a Revista *Polifonia*, em 1993, com o propósito de estimular a produção e publicação de artigos científicos, uma das condições para a aprovação de um projeto de pós-graduação *stricto sensu*, quando o submetêssemos à CAPES.

Além disso, fomos convidados pelo coordenador do Mestrado em Educação, o único programa *stricto sensu* da UFMT na época, a criar uma linha de pesquisa explorando a interface entre linguagem e educação. Assim, um grupo, formado por mim e as professoras Ana Antônia de Assis, Alice Saboia, Lúcia Helena Vendrusculo Possari e Icleia Rodrigues de Lima, criou, em 1993, a linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Sociedade”. Foi um momento em que nos dedicamos ao estudo da interação verbal, tendo por base a Sociolinguística interacional. Foram muitas pesquisas de cunho etnográfico realizadas em sala de aula, focalizando diversos aspectos da interação aluno-aluno, professor-aluno etc. A nossa principal companhia, nessa estada na Educação, eram Frederik Erickson e Michel Maffesoli. A interação nos interessava tanto como objeto de ensino quanto como o fulcro por meio de que todo o ensino se realiza. Como dizia nosso guru Erickson, “é impossível interagir sem aprender alguma coisa” (1990, p. 132). Nesse período, interagindo com a Ana Antônia, aprendi muita coisa sobre o ensino de língua estrangeira, assim como ela deve ter aprendido comigo muita coisa sobre ensino de língua materna. Escrevemos vários trabalhos a quatro mãos. A parceria acadêmica e a amizade cresceram.

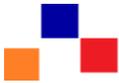
Outro tema frequente nesse momento foi a formação de professores de Letras, articulado à recepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no final da década de 1990 e início da de 2000. Queríamos acompanhar de perto como os professores reagiriam aos PCNs, que propunham uma ruptura com a primazia do ensino gramatical em favor das práticas de leitura, produção de textos e análise linguística. Como nos frustramos! Afinal era uma proposta em que acreditávamos... Não vimos as mudanças esperadas. Pouquíssimos professores se deram ao trabalho de lê-los, compreendê-los e



aplicá-los. A única coisa que parece ter ficado deles é a história dos ciclos e os tais dos temas transversais. A concepção de ensino de língua materna ficou incompreendida. Nossa estada na Educação durou até 2003, quando o Mestrado em Estudos de Linguagem começou a funcionar. Essa etapa foi fundamental para a aprovação de nosso Programa, pois com ela um grupo de docentes já entrava no projeto enviado a CAPES com experiência em pós-graduação *stricto sensu*.

Em 2002, um grupo-tarefa, formado por mim, Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Ana Antônia de Assis-Peterson, Mário Cezar Silva Leite, Ludmila Brandão, Maria Rosa Petroni, Alice Saboia, Lúcia Helena Vendrusculo Possari, Elias Alves de Andrade (perdoem-me se deixei alguém de fora), formalizou a proposta de um programa misto, para a grande área de Letras, Linguística e Artes, envolvendo doutores de vários departamentos do Instituto de Linguagens do *Campus* da UFMT de Cuiabá e dos *Campi* de Rondonópolis e Barra do Garças. O programa misto se apresentou, no momento, como a única saída, já que nenhum departamento contava com um número suficiente de doutores para criar um mestrado específico. Propusemos, então, um Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), abarcando duas áreas de concentração: Estudos linguísticos e Estudos literários e Culturais. Nossa proposta fora aprovada e, em 2003, fizemos a primeira seleção para ingresso de alunos. Funcionamos até 2006 como programa misto. Em 2007, o grupo mais afinado com os Estudos Culturais criou um novo programa multidisciplinar – Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO). A partir de então, o MeEL se tornava um programa de Letras (Literatura e Linguística).

Atualmente, a área de Estudos Linguísticos está constituída por três linhas de pesquisa: Paradigmas de Ensino de Línguas, História e Descrição do Português Brasileiro e Práticas Textuais e Discursivas: Múltiplas Abordagens. É no escopo dessa terceira linha que desenvolvo minhas atividades de pesquisa, orientação e publicação. Mas, não posso negar, sinto um desejo imenso de estar nas outras linhas também. Embora a Linguística tenha



evoluído no sentido de uma especialização cada vez mais afinada, permaneço com o espírito de linguista geral. Tudo em matéria de língua captura a minha curiosidade. Porém, a política de cada um no seu quadrado, recomendada pelo órgão que avalia anual e institucionalmente os programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, desencoraja essa inclinação de estar em todos os lugares. Destarte, tenho me concentrado no estudo dos discursos sobre o português brasileiro, a partir de arquivos vários formados por documentos escritos por homens de Letras brasileiros dos séculos XIX e XX, livros didáticos e materiais apostilados destinados ao ensino de língua materna na educação básica, textos obtidos por meio de entrevista e observação participante em sala de aula, textos em circulação em diversas esferas midiáticas. Todos os trabalhos produzidos por mim e meus orientandos no MeEL tiveram o compromisso de realizar uma escuta atenta, compreensiva e amorosa dos *vários portugueses* que fluem sob a rubrica PORTUGUÊS e das várias vozes que se pronunciam sobre eles.

Ao longo de minha atuação como professora e pesquisadora da graduação e pós-graduação na UFMT, nunca perdi de vista meu compromisso de ser uma voz que batalha pela instalação de um novo sentido para a língua que falamos, como sendo naturalmente heterogênea, como sendo várias línguas, condição fundamental para a construção de uma sociedade sem preconceito e estigma linguístico. Com mais ou menos veemência, sempre combati o discurso linguístico do Um. Sempre me interessei por fenômenos linguísticos em que a impureza, a mistura, a heterogeneidade sejam a tônica. Sempre me senti incomodada com o discurso do monoteísmo linguístico que envolve o português padrão. Qualquer espécie de monoteísmo, quando se radicaliza como ideologia, é nefasto. Com o monoteísmo linguístico, não é diferente...

Apesar de toda reação contrária, ainda não deixei de apostar na possibilidade de ver a multiplicidade linguística funcionando como o discurso dominante no mundo em que vivo. Como afirma Milroy (1998, *apud* BAGNO, 2000, p. 45), “Numa época em que a discriminação em termos de raça, cor,



religião ou sexo não é publicamente aceitável, o último bastião da discriminação social explícita continuará a ser o uso da língua por alguém”. Eu quero viver para ver essa sociedade funcionando sem preconceito linguístico!

### Referências

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2000.

ERICKSON, F. Qualitative Methods. In: Erickson, F. ; Linn, R. L. *Research in Teaching and Learning*. New York/London: Macmillan Publishing Company, 1990, p. 77-195.

MILROY, James. Myth8: children can't speak or write properly any more. BAUER, L. & TRUDGILL, P. (orgs) *Language: Myths*. London: Penguin Books, 1998.

Recebido em: 25/09/2013.

Aceito em: 10/10/2013.

### Maria Inês Pagliarini

Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1978) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1989). Coordena o Projeto de Pesquisa *Discursos sobre o português brasileiro do século XIX ao século XXI* (2011-2016). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua materna, formação de professores, diversidade linguística, variação linguística e alfabetização.

E-mail: minescox@hotmail.com